

A IMPORTÂNCIA DA AÇÃO SOCIAL: TRABALHO DESENVOLVIDO PARA O RECONHECIMENTO DAS REAIS NECESSIDADES DE UMA ÁREA A SER TRABALHADA

Conceição Maria Guimarães e Silva¹

Introdução

Tudo vale apenas quando a alma não é pequena.

(Fernando Pessoa)

O objetivo deste artigo é trazer aos leitores a importância de uma Ação Social. O que parece um trabalho simples, desenvolvido como um ato de ajuda, não retrata o que verdadeiramente se espera desta 'Ação', deste ato Social.

Sabemos que fazemos parte de uma sociedade, isto não é nenhuma novidade. Mas o que aprendemos ao longo de muitos anos de experiência na área social, é que cada realidade tem as suas particularidades, e que ninguém, nenhum profissional, de nenhuma especialização, tem o direito de trazer o novo, que não corresponda as necessidades daquela realidade; aí, é que percebemos a importância de uma Ação Social. Este é um trabalho de troca de informações, de conhecimentos, de intimidades; eles passam a nos conhecer, e nós a eles. Esta intimidade nos leva a um respeito mútuo. Eles (o público alvo), precisam de nós; mas nós, também precisamos deles.

Moramos quase sempre na mesma cidade, no mesmo bairro; se esta realidade que nos cerca, não receber uma qualidade de vida digna, iremos conseqüentemente, sofrer danos do resultado do nosso descaso social. Sabemos que: 'Tudo aquilo que plantamos, vamos colher', e que: 'toda violência, gera violência'.

¹ Professora - Pesquisadora Extensionista na área de Educação Social - Moção de Congratulação oferecida pela Câmara Municipal de Niterói, pelo trabalho desenvolvido no Morro do Céu, Caramujo, através do "Projeto Criança no Lixo Nunca Mais". Em parceria com o UNICEF, a Secretaria de Integração e Cidadania em novembro de 2000 - Debatedora da Mesa Redonda "Lixo e Cidadania - Diagnóstico e Articulações do da Foram Estadual Lixo e Cidadania" - VI Semana de Extensão da UFF em 26 de outubro de 2001 - Conferencista na "XI Jornada de Pedagogia Social - PIPAS em 25 de agosto de 2018 - Participante da Banca de Avaliação de Portfólios do Curso de Extensão em Pedagogia Social para o Século XXI, na Universidade Federal Fluminense em 29 de novembro de 2018 - Teóloga - Graduada pela Faculdade Teológica Sul Americana - FTSA.

A Ação Social, é uma forma de cuidado recíproco. E indiscutivelmente importante, principalmente, para os profissionais da Educação e da Assistência Social em áreas de maior vulnerabilidade. Ali, naquele espaço, nos socializamos, nos informamos e nos preparamos para informá-los. Ali, trabalhamos com a essência do ser humano, a vida. Entendemos a alegria, e a tristeza, o cuidado, e o descuido, a conversa, e o silêncio que dói; quase sempre, calado por temor as consequências. As necessidades de cada um, são faladas, e são ouvidas, e a partir daí, os deveres e os direitos de cada um deles, podem passar a ser respeitados. Foi a partir desta visão metodológica que formamos um grupo para pôr em prática uma Ação Social no Bairro do Caramujo. Alunos da Universidade Federal Fluminense, do Curso de Pós Graduação em Pedagogia Social para o século XXI, acreditaram e se prepararam para este trabalho, teórico-prático.

A intercomunicação entre pessoas daquela região e os elaboradores do trabalho, foi muito importante. Tudo foi possível, porque houve uma ação compartilhada entre os que vivem no bairro, e os que se prepararam para conhecer aquela realidade. Só assim, de mãos dadas, foi possível conhecer parcialmente, a realidade daquelas crianças e adolescentes, e o trabalho exemplar dos pastores e membros da Assembleia de Deus Central no Caramujo, que tudo organizaram para nos receber com recursos e carinho.

Muito aprendemos, e recebemos daqueles que nos preparamos para dar!

Aprendemos que, em uma área carente, violenta, também existe muito amor, muita ternura, muita dedicação e muitas necessidades.

Todos os que fizeram parte deste trabalho, saíram daquela comunidade realizados, felizes, porque puderam abraçar e ser abraçados por crianças e adolescentes carentes de muita coisa, mas cheios de amor e de gratidão.

A Metodologia do teórico ao prático

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas (MINAYO (Org.), 2016, p. 14).

A Ação Social na sua formatação, tem como referência o exercício teórico. Mas, como organizar este trabalho em uma realidade que não conhecemos com intimidade? Este é o primeiro passo; o conhecimento das necessidades local, para que se possa ver o teórico se desenvolvendo na prática. Para que isto aconteça, é necessário a participação de pessoas daquela realidade, dispostas a trabalhar na reformulação do que foi projetado ao que é necessário. Pessoas que tenham um bom relacionamento com o público alvo.

Quando nos propomos a desenvolver qualquer atividade social em áreas consideradas de risco, a comunicação com alguém que já tenha inserção, que se relacione com aquela realidade, é de extrema necessidade. Ali, quase sempre, eles têm as suas normas, as suas regras, as suas leis. Quem não convive com esta realidade, quase sempre, não aceita estas normas; mas, quem desenvolve trabalhos dentro deste contexto social, sabe o quanto isto é importante.

Marilene Vieira, moradora do bairro onde seria realizado o trabalho, observadora das necessidades da região em que mora, e sempre disposta a contribuir com os Projetos Sociais voltados principalmente para crianças e adolescentes, foi o elo para que esta atividade pudesse ser desenvolvida.

Crianças e adolescentes, este é um ‘Grupo’ visto como o de maior vulnerabilidade!

A Marilene tem um histórico nesta área. Ainda muito jovem, ela fez parte de um Projeto Social no mesmo bairro, onde se tornou ‘Multiplicadora’ (aquela pessoa que passa a fazer parte do trabalho como uma das lideranças local). Após um excelente desempenho, se tornou funcionária do órgão que promovera aquele trabalho. Hoje, podemos dizer que esta foi uma das experiências com muito sucesso. A Marilene, sempre interage para que estas Ações Sociais aconteçam quando necessárias.

Em um curso de Pós Graduação em Pedagogia Social para o Século XXI, na UFF, precisamos realizar um trabalho social, isto é, sair da sala de aula, e pôr em prática aquilo que aprendemos na academia. Sem dúvida, esta foi uma maravilhosa experiência para todos.

A realidade fora da formalidade

Quando fomos aprovados para um curso que nos prepararia para o novo, dentro da nossa formação, na área de educação, muito comemoramos; mas o que nos

esperava, era verdadeiramente ‘novo’; e só nos tornamos práticos no que aprendemos, quando saímos da sala de aula, da academia, para a prática da nossa nova formação. E foi esta a proposta: uma Ação Social dentro de uma realidade carente. Isto estava totalmente fora das possibilidades da maioria daqueles alunos.

Procuramos pensar naquela solicitação. Como seria possível realizá-la, e onde?

Os alunos da classe, rapidamente se movimentaram em busca de comunicação, de organização dos grupos para a realização do trabalho solicitado. Ali, começávamos a observar que no século XXI, a educação social será um trabalho estratégico nestas áreas, onde o crescimento populacional e a violência, estão além das expectativas e dos cuidados governamentais. Foi assim que pensamos neste bairro: o Caramujo, onde muitas crianças e adolescentes, necessitavam de cuidados sócio educativos.

Recepcionador da Ação Social

Marilene Vieira



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Para que pudéssemos desenvolver este trabalho, uma ‘Ação Social’, precisávamos de um espaço compatível com o número de pessoas que seriam atendidas. O bairro do Caramujo foi o espaço escolhido, por ser uma área de crescimento populacional muito grande e de fácil acesso para os alunos que iriam trabalhar neste projeto, visto que alguns moravam muito longe, e ali, além do acesso ser mais fácil, a Marilene poderia nos ajudar a encontrar este recepcionador, alguém que nos receberia no seu espaço. E foi exatamente o que aconteceu.

A Marilene Vieira, é membro da Assembleia de Deus Central no Caramujo; ela viu ali uma possibilidade de realização deste evento, visto que o Pastor Kleber e sua esposa Shirley desenvolviam trabalhos de atendimento a este público carente. Marcamos um encontro para nos conhecer, argumentamos sobre as necessidades e possibilidades. Ele pensou, e chegou à conclusão que, não só nos cederia o espaço, mas que também nos ajudaria; buscaria às crianças residentes no Morro do Céu (uma área de extensão do bairro), e que ajudaria no evento, organizando a instituição, e nos providenciando mais recurso, para que todas as necessidades fossem supridas.

Definições e objetivos

O Pastor Kléber, já estava familiarizado com aquela realidade, e isto nos facilitou em muito a organização de tudo. Deixamos claro, as responsabilidades de cada grupo. O desenvolvimento do trabalho projetado pelos alunos da universidade, e o dos membros daquela instituição.

O objetivo da Igreja seria a assistência já desenvolvida por eles, e dos alunos da Pós Graduação, seria a de observação e cuidados profissionais. No grupo de alunos, tinha vários profissionais de várias áreas: Professores, Administradores, Assistentes Sociais, Psicólogos, Teólogos... Ali, cada profissional, procuraria trabalhar com às crianças que estivesse dentro da sua especialização.

Quando chegamos, preparados para nos organizarmos, já encontramos tudo certo, as salinhas já estavam arrumadas de acordo com as idades que poderiam usá-las. O Templo, bem grande, foi o nosso auditório. E nós, os profissionais da área de educação, colocamos em prática os nossos objetivo de trabalho. Conversamos com todos juntos, avaliamos o público presente, e de acordo com as idades, os separamos e encaminhamos para as salas de acordo com as idades.

Vivemos momentos muito especiais e trabalhosos. Ali, tínhamos diante de nós, mais de cem crianças e adolescentes, a maioria, trazia em si o perfil de quem desconfiava de tudo, e nos olhavam com reserva, e se protegiam entre eles, através de trocas de olhar. Precisamos desenvolver uma boa dinâmica, e esperar um bom tempo para que eles interagissem conosco.

Como já foi dito (Jares, 2001a e 2001b), conviver significa viver uns com os outros com base em certas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, no marco de um determinado contexto social. Estes polos, que marcam o tipo de convivência, estão potencialmente cruzados por relações de conflito, o que de modo algum significa ameaça à convivência. Conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade (JARES, 2008, p. 25).

A Conquista da confiança

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (FREIRE, 1967 p. 97).

Para que pudéssemos dar continuidade ao trabalho, separamos todos pelas idades e procuramos nos dividir de acordo com as nossas práticas profissionais. Os professores, trabalharam nas turmas com dinâmicas observáveis. A roda de conversa, contação de histórias. Buscando no tempo trabalhado a confiança de cada um deles. A descontração, ao relaxamento emocional, a tudo que nos aproximasse. E deu certo. Logo, muitos deles queriam falar, cantar, brigar... Alcançamos o nosso objetivo À medida que o tempo passava, e os menores interagiam bem mais entre eles. Os adolescentes, tinham um comportamento bastante diferente; víamos neles a incerteza da possibilidade de poder confiar. Uma psicóloga, que fazia parte do nosso grupo, viu que havia necessidade de também separá-los, para trabalhar com mais individualidade, mais privacidade. E foi aí, que ela pode diagnosticar meninas vítimas de violências. Por esta razão, muito sofridas.

O tempo era pouco para estarmos com elas, mas dentro do possível, tiveram um tratamento de atenção e carinho, e cuidado psicológico.

Cada um dos participantes, saíram dali diferentes de como chegaram. Todos nós, ali, podemos perceber a importância deste trabalho social. O quanto ele é necessário; e o quanto seria bom estarmos juntos outra vez. Ou melhor, a importância

de um 'Cuidado Sócio Educativo' de uma atenção contínua. Vivemos naquela rápida 'Ação Social', em um evento tão simples, situações marcantes.

A Importância do cuidado com o outro

O grande desafio para o ser humano é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, mas se compõem (BOFF, 1999, p. 97).

Profissionais que se propõem a trabalhar principalmente em áreas de maior risco, mais violentas, tem que entender que vai encontrar um público de pessoas violentadas, mais delicadas, mais sofridas. Crianças e adolescentes que aprenderam desde cedo, que: "manda quem pode". E nesta realidade, o poder é conquistado a força, na violência, e nós não devemos rotulá-los de mal-educados, porque estes são, exatamente, aqueles 'bons alunos' para nós, educadores, professores, assistentes sociais, psicólogos... Nestas áreas comunitárias, para não usarmos o termo: "favelas". Espaços que crescem de forma assustadora, e se denominam: 'Complexos', temos encontrado muito abandono, dor, e muitas pessoas violentadas pela própria ordem natural daquelas vidas.

Como o escritor Leonardo Boff coloca em seu livro Saber Cuidar: 'O grande desafio para o ser humano é combinar trabalho com cuidado'. O que parece fácil, na realidade, não é. Quem trabalha nessas áreas, com certeza já presenciou, profissionais que chegam mal no trabalho, e conseguem descarregar toda a sua ira nestes seres, que não parece (na visão deles), mas são humanos.

A luta dos Educadores Sociais, são infinitas, ali não tem começo, nem fim. Porque, desde que o mundo é mundo, os homens acreditaram que, é o dinheiro que compensa. Eles não conseguem ver que estamos vivendo tempos que a boa conduta, precisa ter valor. Cada um cria os seus próprios recursos para ficar rico. A educação está indo para o segundo plano, o respeito, nem se fala, perderam o caráter. Para muitos, ladrões são os da favela, mas esta visão está conduzindo a sociedade para um caos social. Muitos não podem usar o que conquistaram trabalhando, porque podem perder tudo em um assalto, inclusive a vida. Enquanto outros, acreditam que viver, é enriquecer a qualquer preço. Optaram por fraudes, e outras irregularidades (um outro tipo de assalto), e foram para cadeia, "não souberam combinar trabalho com cuidado".

No livro, Diálogos com crianças trabalhadoras, a professora Dr.^a Margareth Martins (2015, p. 55) diz: “venho desenvolvendo o que denomino de pesquisa dialógica itinerante.”

O nosso trabalho do Grupo da Pós Graduação, em muito nos aproximou. Vivemos momentos especiais em um lugar especial. Verdadeiramente nos sentimos itinerante, na nossa vida pessoal e profissional. No desenvolvimento da nossa ‘Ação Social’, em um lugar que poucos conheciam, foi exatamente assim que nos sentimos, itinerantes. Aprendendo e dialogando com pessoas uma realidade totalmente nova para a maioria do Grupo.

A Importância do respeito e da comunicação

Alguns dos acadêmicos, assim que chegaram ao local, não se sentiram à vontade por ser aquele espaço de uma instituição religiosa, mas, saíram dali, com uma outra visão. Após toda troca de diálogos de comunicação de respeito à liberdade de trabalho.

A realidade do bairro é especialmente delicada, mas a população infantil e os seus familiares são respeitados e assistidos pela a instituição religiosa local. Ali, acredita-se que, com a convivência, com a fé, com amor, a história de vida daquela sociedade pode ser reescrita, reconstruída para melhor. E por esta razão buscaram abraçar o nosso trabalho, acreditando que estes recursos poderia ajudá-los.

O respeito é uma qualidade básica e imprescindível que fundamenta convivência democrática em um plano de igualdade e contém implícita a ideia de dignidade humana. Ademais, supõe a reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa. Os seres humanos como sujeitos a serem respeitados (JARES, 2006, p. 31).

A Valorização da vida na prática da educação

Quando o Educador Social, como um desbravador enfrenta realidades totalmente diferentes da que vive, em busca da educação, do trato, do amor, ao que faz e para quem faz. Na certa, lá no futuro, terá como resultado, o reconhecimento a reciprocidade da transformação alcançada.

Todo trabalho desenvolvido na área de educação que muda uma história de vida para melhor, valeu apenas. Ali houve valorização, respeito por um ser humano.

Muitos são os alunos que encontramos tempos depois de termos passado por suas vidas, e a diferença que conseguimos construir com a educação que trabalhamos, que os engrandeceu como ser humano, nos engrandece como profissionais.

Quase sempre, os resultados dos nossos trabalhos, são muito bons, são positivos. A dedicação, o compromisso profissional para com aquelas vidas, consegue ajudá-las a vencer a realidade invencível. O que nos parecia impossível, se realiza. O retorno à sociedade, a cidadania, ao respeito, ao amor, a dignidade humana, a vida, tudo se concretiza.

Vale a pena, dá certo!

Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos (EXUPÉRY, 1990, p. 70).

O relato dos teórico-práticos:

Acolhida dos jovens



Fonte: Acervo pessoal (2019).

O trabalho social em sua grande maioria exige uma tarefa desafiadora principalmente para nós Educadores. Nos deparamos com múltiplas lógicas, posturas

e ações que em sua maioria atravessam nosso senso comum; afetamos e somos afetados a ponto de a partir deste momento outras ações serem incorporadas se desvelando assim, outras ações, possibilidades e oportunidades.

A relação educador e educando nos chega como algo tão inovador e integrado que, diante desse processo de dialogar saberes, propor atividades e promover reflexão, já se instaura a efetiva práxis da educação social.

É considerável discutirmos também dentro dessas ações as relações de classe e raça nas sociedades, para que possa ter noção da complexidade que acompanha esse público alvo.

(Ana Cláudia Campos)

O Trabalho, conforme Netto e Braz (2012, p. 46) “jamais é um processo capaz de surgir, de se desenvolver, ou, ainda, de se realizar, em qualquer tempo, como atividade isolada de um ou outro membro da espécie humana.” De fato, o trabalho vai ser sempre uma ação do coletivo, onde os sujeitos sempre estarão inseridos em um conjunto de outros sujeitos e a Pedagogia Social é uma ciência teórico-prática, que se atualiza em seus diversos campos de atuação e que trata do apoio e suporte a indivíduos ou grupos que dela necessitem, por se encontrarem em situação de vulnerabilidade social.

Conforme Silva (2017), o espectro de atuação da Pedagogia Social encontra-se bem diversificado, com práticas desenvolvidas na Educação Popular, Educação Social e Educação Comunitária, através dos educadores sociais, populares ou comunitários. Dessa forma, a experiência vivida no Morro do Céu trouxe a responsabilidade e a consciência da necessidade de que a Pedagogia Social, através do trabalho social, alcance aquele bairro, com acolhimento para pessoas de todas as idades, mas, em especial, as crianças e adolescentes, por sua situação de vulnerabilidade social, carecendo de muita orientação social. Na roda de conversa realizada, pudemos perceber a falta de vínculos familiares fortes e a ausência de habilidades sociais e tolerância à frustração, que precisam ser urgentemente trabalhadas entre aqueles adolescentes.

Foram momentos de muita realização para nós, educadores sociais, que tivemos a oportunidade de vivenciar a realidade local e estar com aquelas crianças e

adolescentes, bem como com as pessoas da comunidade, que apoiaram o trabalho e deixaram expresso o desejo de que voltássemos ao bairro do Caramujo.

(Edite Sant'anna da Silva)

Igreja Assembleia de Deus Central do Caramujo



Fonte: Acervo pessoal (2019).

A partir da ação social desenvolvida através da igreja Assembleia de Deus Central do Caramujo, foi possível entender a importância da igreja em áreas de vulnerabilidade social. Do mesmo modo, conhecer o trabalho brilhante que muitos realizam nos bairros periféricos das grandes cidades.

Antes da oportunidade de ver e participar de perto o belíssimo trabalho desenvolvido pela igreja, equivocadamente pensava que muitas dessas ações tinham apenas interesses próprios, de converter os sujeitos que eram atendidos e trazê-los para a sua igreja. Mas, quando vi de perto e pude comprovar o contrário, em uma tarde de

sábado, no bairro Caramujo, no próprio espaço oferecido pela igreja, várias pessoas engajadas não apenas de trazer para à igreja muitos jovens das classes populares, mas sim preocupadas com o futuro desses jovens e suas famílias.

Dessa forma, percebeu-se o quanto a comunidade local aprova esse tipo de iniciativa por parte da igreja, uma vez que todos sabem dos riscos que o local oferece. Vale lembrar que existem diferentes projetos que atuam dentro do bairro, mas que muitas vezes é desconhecido pela população, assim como as ações promovidas pelas igrejas. Com essa experiência, pude compreender melhor o papel da igreja nesses locais e o quanto as ações voluntárias são necessárias.

(Francisco da Silva Alves)

Pátio da Igreja



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Em um sábado ensolarado de Setembro de 2019, foi realizado uma ação social na comunidade do Caramujo, cidade de Niterói/RJ, sendo esta uma proposta de trabalho para os alunos do curso de Pós Graduação em Lato Sensu em Pedagogia

Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). O trabalho foi realizado por sete cursistas, que tiveram o objetivo de conhecer a realidade da comunidade e levar uma tarde de atividades e entretenimento as crianças e jovens da localidade. Entre os cursistas tínhamos assistente social, pedagogo, administrador, psicóloga, professor de letras e teólogo. A ação aconteceu nos espaços da Igreja Assembleia de Deus na Central do Caramujo, com a participação de quase cem jovens e crianças. A ação social foi desenvolvida com a ajuda e parceria dos membros e o pastor Kleber Pereira da Igreja Assembleia de Deus na Central do Caramujo, Rua Quintino Bocaiúva, 20 – Caramujo – Niterói/RJ, que cedeu as dependências da igreja para ação, pois a igreja já realiza um trabalho social junto à comunidade, principalmente com as crianças e jovens moradores da localidade.

Tivemos um primeiro momento juntos que ocorreu dentro da assembleia, demos boas vindas, reunimos todos e apresentamos a nossa proposta de trabalho para aquela tarde, nesse momento também foi passado em slides com um pequeno filme. Após esse momento dividimos as crianças em grupo por faixa etária e nos dividimos nas tarefas. Foram realizadas muitas brincadeiras, como pinturas, caracterização de personagens, conto de histórias, dança, desfile de fantasias e roda de conversa com as jovens adolescentes.

A princípio estavam todos tímidos e curiosos com tudo que poderia vir acontecer, mas aos poucos foram se soltando e permitindo uma interação conosco nas atividades. Todos foram muito participativos, a todo momento davam retorno das atividades e brincadeiras desenvolvidas com eles, e expressavam nas dinâmicas suas alegrias, medos, angústias, expectativas, sonhos. Durante toda a ação social observamos que eram crianças ativas, sempre dispostas a realizar tudo o que era proposto. Todos queriam falar, expressar suas opiniões, seus pensamentos e foi visto que o que faltava ali era uma escuta qualificada, que pudessem dar voz a essas crianças e jovens. Ouvimos muitas histórias, relatos e experiências marcantes de alegrias e dor. Tivemos muitos momentos de alegria, descobertas, emoções e até choros. Foi um momento enriquecedor para nós alunos da pedagogia social, pois tivemos a oportunidade de conhecer de perto o bairro do Caramujo, e a sua extensão, a comunidade do Morro do Céu na sua originalidade.

Acredito na importância que se têm a realização de trabalhos sociais dentro das comunidades. Primeiro pela abertura de conhecermos de perto a realidade dessas localidades e entender tudo que acontece e envolve os moradores, para a partir disso

podemos propor e desenvolver políticas públicas que possam dar conta das questões sociais apontadas. Se faz importante pesquisar e estudar todas as demandas que são apresentadas nas comunidades, que em sua maioria são locais muito carentes, de muita precariedade, locais insalubres, sem saneamento básico, cercados pela violência urbana e com o controle do tráfico, sem nenhuma segurança e com a omissão do Estado. Locais de extrema vulnerabilidade social, que remete há inúmeras problemáticas sociais aos seus domiciliados. Quase nunca é desenvolvido nenhum tipo de cultura, arte ou entretenimento para a população local.

A ação social é capaz de viabilizar muitas práticas de acesso ao conhecimento, como a assistência, saúde, educação, direitos básicos que no dia a dia essas pessoas não tem acesso e nem mesmo o conhecimento de seus direitos civis e sociais. A ação social leva o conhecimento tanto para nós pesquisadores de tudo que envolve a comunidade, mapeando os problemas sociais, como para eles domiciliados que muitas vezes não saem desses muros e barreiras impostas pela chamada “classe social” e até mesmo pelo preconceito e desconhecimento dos seus direitos. Essas ações desenvolvida nas comunidades proporciona aos moradores o acesso as informações e a sociabilização do mesmo, de forma que possa fortalecer os vínculos sociais e a participação desses moradores na elaboração de políticas públicas voltadas para suas necessidades. Além de revelar para toda sociedade as mazelas retratadas nas comunidades.

Podemos apontar as ações sociais como uma responsabilidade social que cabe o envolvimento de toda sociedade, buscando práticas que amplie a visão e oportunidades dessas pessoas, reduzindo as desigualdades sociais e fortalecendo os valores da comunidade. Uma ação social ou projeto social é capaz de impactar diretamente estas vidas de forma positiva, abrindo novos caminhos e dando novos rumos as pessoas e as comunidades. Quando as ações e projetos sociais são desenvolvidas de forma personalizada e específicas de acordo com as necessidades da sua localidade é possível promover segurança, educação, empregabilidade, saúde, assistência, entretenimento, arte, cultura e tantas outras políticas e serviços necessárias a um cidadão.

O intuito de nós cursistas era exatamente conhecer a comunidade e levar algo novo aos jovens e crianças naquela tarde. Após essa ação ficamos com as mentes mexidas de ideias e projetos para as crianças e jovens daquela localidade. Será necessário promover mais ações sociais no local para que possamos nos aprofundar

sobre todas as necessidades e conhecer a fundo tudo que perpassa na vida desses jovens e crianças. Esse é o primeiro passo a ser dado, promover encontros que propiciem o nosso conhecimento e socializando informações para a comunidade, buscando deles as reais necessidade da localidade e domiciliados.

(Maria Alexandra Pereira)

Ônibus disponibilizado para um transporte seguro



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Muitas crianças e adolescentes que vivem em comunidades com carências básicas como segurança, saúde e educação acabam tendo poucas oportunidades e muitas facilidades de uma aproximação com a violência e, conseqüentemente, inserção no mundo do crime. Assim, a proposta da ação social, desenvolvida na Igreja Assembleia de Deus Central do Caramujo teve como uma de suas atividades a contação de histórias. E um dos objetivos era estimular as crianças a terem contato com os livros e com um mundo imaginário. Acreditando que os livros são grandes aliados para trabalhar com uma realidade tão dura como a que nós encontramos.

Preparamos então um cantinho da leitura bem aconchegante, em que deixamos os alunos manusearem, contar ou apenas folhear às histórias que estavam ali disponíveis. Sem nenhum pudor eles se jogaram na proposta e se deliciaram com cada livro. Muitos ainda sem saber ler as palavras começaram a ler as ilustrações. Depois desse primeiro momento me atrevo a contar uma história pedida por um aluno, “festa no céu” e dali em diante começou a brincadeira coletiva, uma vez que a maioria já conhecia a história.

Os livros propiciaram a essas crianças um mundo de fantasia, imaginação e uma compreensão maior de si e do mundo à sua volta. Para além das princesas e príncipes do padrão estético que nos é apresentado, o livro quando bem escolhido, leva a criança a imaginar parte da história onde se vê como personagem sem perder o encantamento da tradição dos contos de fadas. Quando colocamos a criança no centro de todo processo mostramos a ela sua importância e suas qualidades.

Estar com as crianças nessa descoberta, me fez perceber o quanto é importante contar e ouvir histórias, e ver os olhos atentos deles me fez acreditar que essa cultura não está morta, mesmo quando a violência, o tráfico, a fome e tantos outros problemas, já se faz presente na vida desses pequenos.

O segundo momento foi marcado por colocarem em prática o começo, meio e fim de uma história. Só que nesse momento eles próprios se transformariam em personagens. Dividimos a turma inicial em dois grupos, o primeiro composto de crianças de 4, 5 anos para desenharem e fazerem suas histórias de fantoches e o segundo grupo de 6, 7 e 8 anos que transformaram a sala do lado em um grande palco. Levamos fantasias e adereços para comporem os personagens. E então a festa começou.

É incrível ver como a imaginação das crianças extrapola esse nosso mundo. Eles de fato incorporaram cada personagem, e dessa nossa roda saíram histórias fascinantes, e o que mais me chamou a atenção é que nenhuma delas se tratava de violência, ou seja, o que acontece na vida real é tão pesado e sofrido que prefiro esquecer nem que seja só por um momento.

E nós saímos da igreja com um sentimento de dever cumprido e com uma sensação de que fizemos mais que do que imaginávamos e de fato isso só foi possível através da participação das crianças e membros da igreja que nos abriu espaço não só para uma contação de história, mais para toda ação que estava sendo realizada naquele espaço. Foi um dia de alegrias, de muitas declarações e de uma viagem que foi para além do livro. Uma grande oportunidade de unir teoria e prática de ver como a

corporeidade, a música, a literatura e a imaginação se une num projeto que dá voz às crianças.

(Michele dos Santos Vianna)

Contação de história



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Quem conta um conto... **Ouve além do conto!**

O encontro com as crianças de 04 a 06 anos naquela manhã foi um acontecimento inusitado, cheio de expectativas e grandes emoções advindas da contação de histórias utilizando fantoches. É estimulando as crianças a imaginar, a criar e envolver-se com o lúdico, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade delas. Segundo Abramovich (1995), ao ouvir histórias, a criança pode sentir muitas emoções, como alegria, tristeza, medo, raiva, uma infinidade de outras sensações, viajarem no tempo, ir para outros lugares e conhecer outras culturas.

A história escolhida para iniciar a jornada da roda de contação, trazia ensinamentos práticos a partir do lúdico sobre Valores e Virtudes, desconstruindo estereótipos e contribuindo no desenvolvimento emocional dos pequenos. Ao término dessa reflexão, os pequenos foram incentivados a contarem, dramatizarem e inventarem suas próprias histórias. Durante o desenvolvimento dessa atividade,

observou-se a fala e as expressões faciais e corporais das crianças, e em especial a atuação de um menino, que ao dramatizar o seu relato de vida, repetia por inúmeras vezes seu próprio nome e afirmava com um semblante raivoso e um tom de voz alta, que era um “menino obediente.” Era como se ele quisesse desesperadamente afirmar para ele e para os outros, quem realmente ele gostaria de ser. No final de sua fala, o abraçamos!

Ao término da ação, soubemos que essa criança estava com seu emocional comprometido, vivendo em situação de vulnerabilidade social, abandono familiar, já que sua mãe era usuária de drogas e por muitas vezes o esquecia na rua.

(Jane Lopes)

Conclusão

A realização deste trabalho, só foi possível porque um dia demos início a um sonho, fazer uma pós graduação nesta área que abraçamos dentro da nossa escolha profissional. Optamos para esta realização, pela Universidade Federal Fluminense, e foi ali que nos encontramos como docentes e discentes, pessoas que lutam e acreditam na construção de um ‘Mundo’ melhor.

Somos gratos a todos os professores, e em especial a nossa coordenadora Margareth Martins que nos solicitou como conclusão de um ciclo, esta ‘Ação Social’. Foi assim, desta forma, que buscamos, e encontramos esta realidade, onde podemos concretizar este trabalho que foi além das nossas expectativas. O teórico-prático, onde conseguimos formar e transforma a nossa visão profissional.

Gostaríamos também de registrar a nossa gratidão a Marilene Vieira, e especialmente ao Pastor Kleber Pereira de Azevedo e a sua esposa Shirley Mello Pereira de Azevedo, pela recepção, e pela participação, em um trabalho que seria dos alunos da academia, e que vimos se tornar de todos.

Muitos dos que nos ajudaram naquele dia, não sabemos, e nem saberemos os nomes, mas, com certeza não os esqueceremos.

Aquele ônibus que vocês usam para buscar aquelas crianças em casa, e depois levá-las, que lindo! Que respeito, que cuidado por aquelas vidas!

E aos membros da Assembleia de Deus no Caramujo, a nossa gratidão pelo carinho, pela dedicação. Sem a participação de vocês, tudo teria sido muito mais difícil, vocês foram fundamentais pelo sucesso do nosso trabalho neste bairro.

Registramos aqui, a visão e a gratidão dos alunos da academia. Isto está sendo publicado nesta obra para que nada do que vivemos se perca com o tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. RJ: Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.

EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. 48. Ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação como Prática da Liberdade**. [Livro Eletrônico]. RJ: Ed. Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JARES, Xesús R. **Pedagogia da Convivência**. Trad. Elisabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

MARTINS, Margareth. **Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras**. São Paulo (SP) – Ed. Expressão e Arte, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2016. (Séries Manuais Acadêmicos).

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: Uma introdução crítica**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PESSOA, Fernando. **Mensagem** [Livro Eletrônico]. Lisboa 1934. Parceria: Antonio Maria Pereira – 44 Rua Augusta 54.

SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente de; GRACIANI, Marai Stela Santos. (org.). **Pedagogia Social. A pesquisa em Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2017.

VALDEZ, Diane; COSTA, Patrícia L. **Ouvir e viver histórias na Educação Infantil**. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (org.). Quem tem medo de ensinar na educação infantil? em defesa do ato de ensinar. São Paulo: Alínea, 2007.